

Análise da influência das obras em chinês de Matteo Ricci nos letrados chineses

Analysis of the influence of Matteo Ricci's Chinese works on Chinese scholars

MINFEN ZHANG

Shanghai International Studies University

sofia@geosofia.com

<https://orcid.org/0000-0002-0210-0465>

Texto recebido em / Text submitted on: 05/01/2022

Texto aprovado em / Text approved on: 25/07/2022



Resumo. Durante quase três décadas na China, Matteo Ricci escreveu muitos livros em chinês e trabalhou com letrados chineses na tradução de livros ocidentais para o chinês. Essas obras eram parte da sua estratégia missionária de acomodação cultural, e criaram condições para a sua missão evangélica na China. Ao mesmo tempo, tanto o conteúdo como o estilo e linguagem dos livros seguiam de perto a psicologia dos letrados chineses da época, sendo redigidos de acordo com os gostos e estilos chineses, motivo pelo qual foram apreciados pelo meio acadêmico chinês, conquistando a sua amizade e respeito. Sendo produto do encontro e interação entre as culturas chinesa e ocidental, as obras de Ricci não são apenas uma “ponte” para os ocidentais compreenderem a China, mas também para os chineses compreenderem a Europa. Centrado nas obras que publicou em chinês, escritos e traduções, este estudo pretende revisitar os seus contributos para a divulgação do Cristianismo e dos saberes europeus na China, assim como as influências profundas que exerceu no meio acadêmico chinês.

Palavras-chave. Matteo Ricci, obras em chinês, influência, letrados chineses.

Abstract. For nearly three decades in China, Matteo Ricci wrote many books in Chinese and worked with Chinese scholars for translating Western books into Chinese. These works were part of his missionary strategy of cultural accommodation, and created the conditions for his evangelical mission in China. In the meantime, the content, the style and the language of the books closely followed the psychology of the Chinese scholars of that time. He wrote the books in accordance with the Chinese tastes and styles. This was appreciated by the Chinese academic circles. His books earned their friendship and respect. Ricci's works are a starting point for Westerners to understand China, and for the Chinese to understand Europe, being a product of the encounter and interaction of Chinese and Western cultures. Focusing on the works he published in Chinese, including writings and translations, this study aims to revisit his contributions to the dissemination of Christianity and European knowledge in China, as well as the influences he exerted on Chinese academia.

Key words. Matteo Ricci, works in Chinese, influence, Chinese academia.

Matteo Ricci (1552-1610), conhecido na China como Li Madou, é uma das figuras mais importantes da fundação da Cristandade no império chinês durante a dinastia Ming. Como missionário e figura importante do intercâmbio sino-europeu, o jesuíta italiano suscitou numerosos estudos, tanto de investigadores chineses como ocidentais, ao longo de mais de 400 anos. Por um lado, organizaram-se as suas obras, embora os trabalhos que mais se destacaram neste âmbito (D'ELIA 1942-1949; CORRADINI 2001), apenas tenham incluído as publicações em línguas ocidentais. Em 2001 Zhu Weizheng organizou uma coleção das obras em chinês de Ricci intitulada *Li Madou Zhongwen Zhuyi Ji* (*Coleção de Obras e Traduções em Chinês de Matteo Ricci*) (ZHU 2001), que abarca os livros que escreveu em chinês e as obras que traduziu para a mesma língua, desde a sua entrada na China, em agosto de 1583, até ao seu falecimento em Pequim, em maio de 1610. Por outro lado, esta figura foi alvo de estudos e monografias de diversos investigadores, destacando-se *Matteo Ricci, Il Chiosco Delle Fenici* (MIGNINI 2009), e *Matteo Ricci: un gesuita ala corte dei Ming* (FONTANA 2011). Ambos abordam a biografia completa e documentada de Ricci, os seus escritos e os encontros entre as culturas ocidental e chinesa. Importará ainda referir outros trabalhos que, embora mais antigos, se destacam neste âmbito, como os de Bernard Henri, *L'apport scientifique du P. M Ricci à la Chine* (1935) e *Le Père Mathieu Ricci et la Société Chinoise de Son Temps (1552-1610)* (1937).

Sobre o encontro do confucionismo e cristianismo, é de realçar o estudo de Michele Ferrero (2019), que trata de temas como a alma, a vida eterna, descendência, tradição, felicidade e bom comportamento, oferecendo uma visão do encontro do confucionismo e o cristianismo. Sobre as missões jesuítas na China e os processos de aculturação e encontros de culturas, Ana Carolina Hosne (2013) e Nicolas Standaert (2002), são autores incontornáveis, a que se somam outros com abordagens específicas ou de enquadramento geral, que vão desde as estratégias de missionação, até à circulação da língua e cultura chinesas na Europa e da disseminação dos conhecimentos europeus nos territórios chineses (DUNNE 1962; SPENCE 1989, 1995; ELMAN 2007; HSIA 2012).

Na China também foram efetuados estudos profundos e abrangentes sobre Ricci, tratando principalmente da sua biografia, conhecimentos científicos ocidentais que introduziu na China, a sua compreensão sobre a língua e cultura chinesas, as suas estratégias missionárias, as suas opiniões sobre o budismo, taoísmo e outras seitas. Também há estudos sobre as suas obras, porém, nenhum destinado à apresentação e análise dos seus trabalhos em chinês numa perspetiva global. Matteo Ricci não somente esteve na China, como também mergulhou

profundamente na história e cultura chinesas. Daí que para o conhecer é forçoso estudar os seus livros em chinês, que não foram poucos (DAI&LIN 2020: 194). É precisamente o que este artigo procura fazer, incidindo sobre as suas obras em chinês, incluindo escritos e traduções. Procura-se abordar não apenas o conteúdo, como também a impressão de obras, o apoio dos letrados chineses para a sua produção e publicação, prefácios assinados por letrados chineses, entre outros. Assim se revisitarão os contributos que deu para a divulgação do Cristianismo e do saber europeu na China, bem como as influências que provocou no meio académico chinês na época.

1. Matteo Ricci e a prática da acomodação cultural e missão académica

Nascido em 6 de outubro de 1552 em Macerata, na Itália, começou a aprender latim aos 5 anos de idade. Em 1561, entrou no Colégio da Companhia de Jesus em Macerata, revelando bom domínio da arte da memória, o que facilitou as aprendizagens, nomeadamente a dos caracteres chineses, que conseguiu mais tarde. Em 1568 foi para Roma estudar Direito na Universidade *La Sapienza* (CRIVELLER 2010).

Em agosto de 1571 interrompeu o estudo do Direito e entrou no noviciado de *Sant'Andrea al Quirinale*, da Companhia de Jesus, em Roma, onde conheceu Alessandro Valignano (CRONIN 1948: 96). No ano seguinte entrou no Colégio de Roma, onde contactou com alguns dos professores mais importantes da sua vida, designadamente o conhecido matemático e astrónomo Christophoro Clavius (1538-1612), com quem aprendeu não apenas a *Geometria de Euclides*, como também a técnica de produção de instrumentos astronómicos e de relógios.

Durante o período de estudo de cinco anos no Colégio de Roma, recebeu sólida formação humanística e científica, tendo estudado Teologia, Filosofia, Matemática, Cosmografia e Astronomia. Em 1578 partiu de Lisboa para a Índia, em missão da Companhia de Jesus. Em 1582 Alessandro Valignano (1539-1606) nomeou-o para a missão da China. Chegou a Macau no mesmo ano, onde estudou a língua e cultura chinesas (MALATESTA 1994: 51-66). Daí por diante, Ricci, conhecido cientista e filósofo, célebre divulgador de duas culturas (chinesa e europeia) dedicaria a sua vida à missão jesuíta na China, até à sua morte em Pequim, em 11 de maio de 1610. Deu um enorme e importante contributo não apenas à missão cristã na China Ming, como também na transmissão do avanço científico europeu por terras chinesas, e

na disseminação das filosofias clássicas chinesas pelo mundo europeu.

Matteo Ricci percorreu a China, do sul ao norte, tendo viajado por Macau, Zhaoqing, Shaozhou, Nanchang, Nanquim, conseguindo fixar-se em Pequim no ano de 1601. A influência que exerceu nos letrados chineses deveu-se à estratégia de missão flexível que adotou. Como humanista, mostrou-se tolerável em relação às outras culturas, adotando atitudes flexíveis face à cultura dos letrados, isto é, o confucionismo. De acordo com Nicolas Standaert, Ricci foi “educado na melhor tradição humanística jesuítica, ele comparou favoravelmente Confúcio (552-479 a. C.), com “outro Sêneca” e os confucionistas com “uma seita epicurista, não no nome, mas nas suas leis e pareceres”¹. Como defendia aliás Ricci, conforme o ensinamento de Deus, deviam-se adotar métodos diferentes para diferentes povos, em relação à fé cristã (RICCI & TRIGAULT 1983: 180). As suas capacidades de flexibilidade intelectual e de caráter, que lhe permitiram absorver conhecimentos da cultura chinesa, seriam determinantes para a estratégia que adotou em missão, aberta ao encontro de culturas (MUNGELLO 1985: 44).

Com efeito, logo que chegou à China analisou bem a situação evangélica existente, optou por adotar uma estratégia de adaptação cultural e missão acadêmica, já desenhada por Valignano (1539-1606), isto é, ao invés de procurar converter os chineses por meios convencionais, traçar um caminho de entendimento cultural destinado a diminuir, quando não eliminar, os choques culturais. Tendo aproveitado as lições dos seus antecessores, que tinham sido impedidos de entrar na China por não conhecerem a cultura chinesa nem os ritos chineses, Ricci entendia que os jesuítas só penetrariam na sociedade chinesa se tivessem um conhecimento sólido da língua e cultura sínicas.

No início, pensando que os monges budistas gozavam de prestígio como os do Japão, Ricci e os seus colegas entraram na China com a cabeça e barba raspada, vestindo-se com traje típico dos bonzos (FONTANA 2011: 44). Ao descobrirem que não era assim, passaram a viver como os letrados, designadamente adotando nome chinês, vestindo-se à chinesa, falando chinês, cumprimentando-se de acordo com os ritos chineses e bebendo chá (GOUVEIA 1995: 100).

Quando os jesuítas visitavam os amigos chineses evidenciando comportamentos conformes aos padrões culturais locais, estes ficavam alegres, agindo com “familiaridade, cortesia e confiança”, tratando-os como “Letrados naturais” (GOUVEIA 1995: 100). A adoção de nome chinês foi determinante. “Os missionários jesuítas passaram a apresentar-se como *xishi* ou letrados, oriundos do

¹ <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao347.pdf> consultado em 06-06-2022.

Ocidente, passando a ser ‘mestres da religião do Senhor do Céu’”(LOUREIRO 2009: 373).

Para os padres poderem ter contacto estreito com o povo chinês, a condição prévia seria saber falar a sua língua. Deste modo, depois de entrarem na China, os padres jesuítas, esforçaram-se para aprender o idioma chinês e estudar a história e cultura chinesas. Com efeito, o próprio Ricci conseguiu dominar o chinês e tornar-se um especialista da cultura sínica, como refere o estudioso chinês Wu Mengxue: “Ele estudou com empenho a língua de Confúcio, passando de ‘analfabeto’ chinês a célebre ‘confucionista’ ocidental” (WU 2000: 8). Foi assim que conseguiu viajar por toda a China e comunicar diretamente com o povo local, fazendo amizade com os mandarins de letras, sem necessidade de tradutores. Foi mesmo no contacto direto e frequente com os chineses, que descobriu, por um lado, quais os livros que constituíam um meio nobre de comunicação entre os letrados e, por outro, que os chineses davam muita importância à escrita, correspondendo-se frequentemente com os amigos, mesmo com os que moravam perto (RICCI & TRIGAULT 1983: 29). Detetou ainda que “as seitas chinesas divulgavam os seus ensinamentos não por meio da pregação, mas através de livros”, e que os próprios letrados e nobres ficavam conhecidos e ganhavam honras por meio da produção de livros (RICCI 2018: 267).

Ficou ciente, portanto, de que se escrevesse livros podia ganhar a amizade e o respeito das elites daquele império que, tal como a Europa, baseava a sua civilização na produção literária. Foi essa descoberta que lhe permitiu entrar no círculo académico, produzindo livros adaptados ao gosto dos chineses. Para o efeito, além de importar da Europa para a China bons livros, o missionário também se sentiu apto a escrever obras em chinês (SPENCE 2007: 193), vindo a gastar muito tempo nessa tarefa, o que se revelou de grande sucesso junto dos letrados e até dos grandes mandarins e do próprio imperador. Li Madou (Matteo Ricci) produziu, por exemplo, *Tianzhu Shiyi (Verdadeira Noção do Senhor do Céu)*, onde divulgou as doutrinas do Cristianismo, conseguindo atrair os curiosos em coisas que para si eram estranhas, fazendo com que as lessem com grande interesse (SHIWU 2002: 461).

Na carta de 15 de agosto de 1606, ao Superior da Companhia de Jesus, Claudio Acquaviva (1543-1615), Ricci assumia ter-se conseguido fixar no império chinês com os seus livros (RICCI 2018: 267). Além disso, também mostrou ter-se apercebido de que os letrados estavam muito interessados nos novos conhecimentos e tecnologias da Europa para com eles desenvolverem os seus territórios, por isso juntamente com letrados chineses, como Xu Guangqi, Li Zhizao, entre outros, fazia traduções das obras científicas ocidentais. As obras que Ricci redigiu em chinês

são várias, incidindo também sobre temas diversos, como religião, virtude, língua, mapas, filosofia, matemática e astronomia, entre outros.

2. Apresentação das obras em chinês de Ricci

O primeiro livro que Ricci escreveu em chinês tem como título *Jiao You Lun* (*Tratado sobre a Amizade*). A escrita propositada de um livro dedicado ao tema da “amizade”, devia ter sido influenciada pelo fundador da Companhia de Jesus, Inácio de Loyola (1491-1556), que defendia a importância de amizade. Nela advogava que da amizade toda a gente necessitava, pois além de servir como adesivo para união de todos os humanos, sabia que os letrados chineses valorizavam muito a relação amistosa entre as pessoas.

O livro foi escrito em 1595, a partir das discussões sobre a amizade travadas com o príncipe de Jian’an Zhu Duojie (1573-1601), seu amigo, no decurso de um banquete, para o qual o convidara. Chamando à colação a maneira de fazer amigos, pedindo-lhe o príncipe que discorresse sobre a visão europeia sobre o assunto (MIGNINI 2012: 176), Ricci aproveitou para divulgar o conceito de amizade ocidental, notando que ele e os seus companheiros vinham de longe para a China, não para fazer mal, mas com objetivo de fazer amizade com os chineses. Escolheu então, meticulosamente, as máximas dos sábios europeus. Entre os autores gregos citou Plutarco, Aristóteles e Diógenes Laércio. Entre os latinos referiu Cícero, Séneca e outros mais. Dos cristãos mencionou Santo Agostinho e Santo Ambrósio. Não obstante tenha tentado conter o tom religioso, não deixou de incluir algumas citações de pensadores cristãos, como os santos Ambrósio de Milão e Agostinho de Hipona (RODRIGUES 2010: 640). É de notar que o *Tratado* inclui cerca de cem citações de pensadores ocidentais, com a escrita adaptada ao estilo clássico chinês, além de versar sobre o conceito de amizade virtuosa, que Ricci defendia.

Na primeira parte, onde se deteve sobre a importância da amizade, dizia: “Meu amigo não é outra pessoa. Meu amigo é minha metade, outro eu. Portanto, devo considerar o meu amigo como eu próprio” (RICCI in ZHU 2001: 107). De facto, era um ponto de vista correspondente ao ensinamento de “amar os outros como amar a si próprio”, defendido pelos Dez Mandamentos. Segundo Ricci, era necessário cautela ao fazer amigos, porém devia-se-lhes dar confiança. Os amigos, asseverava ainda, podiam ser inimigos no futuro, ao passo que estes também poderiam tornar-se amigos mais tarde. A amizade, salientava também, não tinha nada a ver com a riqueza e honra, pelo que, em função disso, não se devia abandonar amigos antigos.

Nesta obra Ricci advogava ainda que “Não teria alegria se não tivesse amigos”. O jesuíta achava que os amigos deviam aprender entre si, para ambos progredirem, notando que “Precisar um de outro e ajudar-se mutuamente constitui o motivo de fazer amigos”. Os amigos deviam então compartilhar tanto alegrias como dificuldades. Na sua perspectiva, “um Estado pode não ter bens mas não pode ficar sem amigos” (RICCI in ZHU 2001: 111-113), sublinhando a necessidade de amizade entre os países, o que contentou os governadores do império chinês.

Deve-se ainda a Ricci um livro relativo à ética e virtude, intitulado *Er Shi Wu Yan (Vinte e Cinco Sentenças Morais)*. Compilado em 1599, o livro foi publicado em 1605 com o patrocínio de Feng Yingjing, um mandarim que ficou maravilhado com o seu conteúdo. O livro é uma coletânea de máximas de éticas ocidentais. Conta com 25 discursos pequenos, compostos com base no *Encheiridion* de Epicteto (55-135), um dos fundadores do Estoicismo (GERNET 1991: 210). Ricci combina o pensamento filosófico de Epicteto com o confucionismo e a cultura chinesa, atribuindo um novo conceito à filosofia estoicas, ou seja, tenta sinicizar a filosofia estoica, pretendendo realizar a localização do cristianismo na China através da apresentação do estoicismo à chinesa. Note-se que ele também pretendia aproveitar o confucionismo para levar a fé cristã à China. A tentativa de estabelecer uma relação entre o estoicismo, confucionismo e cristianismo constituiu o método particular de pregação dos jesuítas (SPALATIN 1975: 77).

O livro trata da virtude e formação moral defendidas pelo estoicismo e valoriza a resignação e o ascetismo, “cuja forma de cultivação moral e conduta era bastante atraente para os chineses” (SPALATIN 1975: 18). Logo no primeiro parágrafo, Ricci afirmava que os desejos, os estímulos e as coisas a evitar dependem das próprias pessoas, enquanto que a fortuna, títulos, honras, fama e longevidade são coisas que elas não podem controlar (RICCI in ZHU 2001: 131). Tratam-se de ideias próximas do confucionismo, que defende que o objetivo da aprendizagem é cultivar a moral e aumentar o conhecimento, opondo-se ao desejo e à procura de posses meramente materiais. Isto significa que Ricci percebeu que se conseguisse estabelecer um nexos entre os assuntos históricos chineses e a doutrina cristã, estabeleceria uma ponte entre o cristianismo e o confucionismo. Com efeito, ao falar da doutrina de piedade dos santos, Ricci referiu a lealdade para com a pátria, citando a história do Período da Primavera e Outono e dos Reinos Combatentes, *Weizhe Jufu (Weize recusou o pai)*, no sentido de obter consenso junto dos letrados chineses, para que o pensamento cristão fosse mais facilmente aceite (RICCI in ZHU 2001: 131).

Além disso, substituiu os nomes ocidentais por nomes chineses, no sentido de diminuir o tom religioso ocidental. Exemplo disso é a explicação de que *Tian* (o Céu) corresponde ao Deus dos cristãos, suscitando grande polémica na sua ordem religiosa. De qualquer forma, a ideia de valorizar a virtude e viver conforme à natureza estava muito ao encontro da vontade dos letrados confucionistas. Por outro lado, segundo dizia o próprio jesuíta, embora este fosse um livro religioso, detinha-se apenas “no cultivo moral, como aproveitar bem o tempo”, e abordava “as coisas na perspetiva filosófica”, não criticando nenhuma seita (RICCI 1986: 268). No fundo, pretendia que se julgasse que ele estava a fazer uma ligação entre a tradição humanística europeia e a confucionista (RULE, Paul A. 1986: 21). Verdade é que o livro conseguiu comentários favoráveis de muitos chineses, incluindo os de outras seitas, fazendo com que o livro fosse rapidamente divulgado, lido e aceite (RICCI in ZHU 2001: 131).

A notabilidade e aceitação de que gozou Ricci também se deveu à sua forte capacidade de aprender chinês. Exemplo disso foi o livro *Xiguo Jifa* (*Arte Ocidental de Memória*), que compôs a convite do governador de Jiangxi, Lu Wangai (1533-1598), depois de ter mostrado a sua extraordinária memória em público, em 1595. O governador ficou atraído pelo método de treino da memória de Ricci, pois os seus três filhos estavam a preparar os exames imperiais. Ricci aproveitou o nicho de oportunidade, crendo que se lhes ensinasse a arte de memória, ajudando-os a passar nos exames, a sua empresa católica na China seria apoiada (SPENCE 2007: 24). O próprio o relatou, numa carta ao padre Duarte de Sande (1547-1599), em 1595:

Num convívio com alguns letrados chineses, queria mostrar a minha competência de memorizar os caracteres chineses, porque sei que isso serve para a missão e a glória de Nosso Senhor do Céu. Disse-lhes que escrevessem num papel numerosos caracteres como quisessem, sem ordem entre eles, e que seria capaz de decorá-los na mesma ordem em que foram escritos, após lê-los apenas uma vez. Assim fizeram, escrevendo muitos caracteres sem ordem alguma, e depois de lê-los uma vez, dizê-los de cor da mesma ordem que estavam escritos, o que espantou toda a gente presente, parecendo-lhes uma grande maravilha. Para aumentar o seu espanto, comecei a decorá-los com facilidade, na ordem contrária em que foram escritos, ou seja, do último ao primeiro. Todos ficaram completamente estupefatos, pedindo para que eu lhes ensinasse essa fantástica arte de memória (RICCI 2018: 133).

De facto, desde jovem, Ricci já mostrara a sua memória prodigiosa (MIGNINI 2012: 11). Além disso, no Colégio Romano, recebeu formação científica

da arte de memória (MIGNINI 2012: 32), o que contribuiu enormemente para a sua aprendizagem do chinês, com a qual ganhou popularidade junto dos letrados chineses.

Xiguo Jifa divide-se em seis capítulos, onde Ricci demonstra o conhecimento e compreensão sobre os caracteres, expondo o método de aprendê-los e memorizá-los. Como o próprio reconhece, “esta arte da memória parece ter sido inventada para caracteres chineses, sendo especialmente útil e eficaz, pois cada carácter tem uma imagem que significa uma coisa” (RICCI 2018: 133). Apresenta, em primeiro lugar, a diferença entre memória cerebral e memória mental, prestando atenção à primeira arte mnemotécnica. Seguidamente introduz um sistema mnemotécnico através da construção de desenhos arquitetónicos dos caracteres, de forma a estabelecer uma ligação entre os elementos estruturais dos caracteres com a imagem das coisas conhecidas, salientando a importância da memória associativa. No último capítulo, escolheu mais de cem caracteres e várias locuções para interpretar a sua arte de memória e ensinar aos leitores o seu método mnemónico, de acordo com a estrutura diferente dos caracteres, facilitando a memorização dos mais complicados. Em relação às palavras e locuções culturais, tais como os períodos climáticos chineses, os *Troncos Celestes*, Ricci explica-os na perspetiva cultural, mostrando a sua profunda compreensão da cultura chinesa. Ao mesmo tempo, evidencia não se ter esquecido da sua missão evangélica, pois combina os ideogramas com passagens bíblicas, estabelecendo ligações entre a cultura sínica e a doutrina cristã.

Para Ronnie Po-chia Hsia (2012), *Xiguo Jifa* não é um livro de sucesso, pois é absolutamente inútil para os leitores chineses. Ricci utilizava desenhos para dividir os caracteres no sentido de facilitar a memorização, o que apenas servia para os *não chineses*. Eles não conheciam a pronúncia do idioma chinês e precisavam de desenhos para distinguir os caracteres e lembrá-los com os ideogramas que Ricci construiu. Na realidade, os filhos do governador de Jiangxi passaram os exames imperiais não por causa da arte de memória de Ricci, mas sim com o método tradicional chinês.

Em relação ao estudo da língua chinesa, Ricci deu ao prelo um livro didático com o título de *Xizi Qiji (O Milagre das Letras Ocidentais)*. Em 1598, Ricci partiu para Pequim com o presidente do Tribunal de Guerra, Wang Honghui. Contudo, devido à guerra em que a China se envolveu na Coreia, não conseguiu ficar na capital e foi obrigado a voltar para o sul. Durante a viagem, escreveu a aludida obra, que era o resumo da sua experiência de aprendizagem do chinês, recorrendo a alfabetos romanos para caracteres chineses. Foi publicada pela primeira vez em Pequim, no ano de 1606. Foi o primeiro livro a utilizar o alfabeto romano para escrever a língua chinesa. A obra inclui quatro quadros religiosos, cujo tema provém das histórias da *Bíblia*. O conteúdo de cada qua-

dro é explicado com um texto com caracteres e o respetivo alfabeto romano. A publicação foi pensada para facilitar a aprendizagem da língua chinesa por parte dos missionários na China, que geralmente encontravam muitas dificuldades na fonética. Pode-se dizer que Ricci iniciou a romanização do chinês. Por fim, e não menos importante, o livro também visava divulgar a cultura cristã através de histórias bíblicas.

Uma vez que a missão central de Ricci era converter o império chinês, não se estranha que entre as suas ações tenha assumido papel de relevo a introdução e apresentação do Senhor do Céu e dos seus ensinamentos. É neste âmbito que se insere a redação de *Tianzhu Shiyi* (*Verdadeira Noção do Senhor do Céu*), em 1596, publicado em 1603 (ZHU 2001:5). Com oito capítulos, o livro divide-se em dois volumes, tendo mais de 40 mil caracteres. Foi escrito em linguagem clássica de Ming, no estilo de diálogo, estilo popular de escrita nos finais da dinastia Ming, consistindo num letrado chinês interessado no cristianismo que coloca perguntas, obtendo as respostas de um missionário ocidental. De facto, durante as conversas com os letrados chineses, Ricci procurava apresentar as noções básicas cristãs, adaptadas à ética e virtude confucionistas. Daí que o livro aborde, com as devidas adaptações, a história de Deus, a eternidade da alma, os dez mandamentos, o batismo, as práticas e orações cristãs, entre outros elementos da fé cristã. Contudo, a divulgação direta dos ensinamentos cristãos, incluindo críticas abertas de alguns costumes chineses e de outras seitas, provocou alguns ressentimentos. Para mudar a situação, Ricci compôs em 1608 outro livro, em dois volumes, que visava apresentar os princípios católicos, intitulando-o *Jiren Shipian* (*Dez Capítulos de Pessoas Estranhas*). É do mesmo género de *Tianzhu Shiyi*, estruturado também na forma de perguntas e respostas, mas com um tom muito mais suave do que em *Tianzhu Shiyi*.

Neste livro, os chineses que fizeram perguntas ao padre não eram anónimos como em *Tianzhu Shiyi*, mas eram letrados conhecidos, com o nome e identidade, exceto o último. Registam-se ainda a data da conversa e o tema discutido. Facilmente se percebe que a maior parte dos letrados chineses com quem Ricci conversava eram os mandarins de diversos tribunais do império chinês, tais como Xu Guangqi, o famoso doutor Paulo; Li Zhizao, mandarim do Tribunal de Administração de Águas; Li Dai, o presidente do Tribunal do Funcionalismo Civil; Feng Qi, o presidente do Tribunal dos Ritos; entre outros altos mandarins. Os temas de conversa focam-se na passagem rápida do tempo; os sofrimentos mundanos; os pecados originais; a vida e a morte; os desejos humanos; os ensinamentos cristãos, como os dez mandamentos; entre outros princípios católicos. Na expressão de Ricci, “os chineses nunca ouviram estes ensinamentos morais contidos no livro” (RICCI & TRIGAULT

1983: 487). O livro aborda muitos assuntos sobre a vida e morte, o paraíso e o inferno. Por exemplo, no terceiro e quarto diálogos, Ricci discute com os letrados sobre a questão da vida e da morte. Na China, “morrer” era coisa triste, pois significava o fim da vida. No entanto, socorrendo-se no diálogo de filósofos e santos cristãos europeus, Ricci procura explicar que existia a vida e a morte no mundo e toda a gente morreria, seja rei ou marquês, nobre ou criado humilde, salientando que, após a morte, a alma seria julgada pelo Senhor do Céu e todos os males feitos durante a vida registados, pelo que eram em vão os desejos perversos e pensamentos desonestos, persuadindo assim a que se fizessem mais atos bondosos do que iníquos (RICCI in ZHU 2001: 449-454). Com uma atitude de igualdade, Ricci explicava ao jeito filosófico os conceitos e doutrinas cristãs, utilizando os pensamentos dos filósofos ocidentais tais como Aristóteles, Epicteto, entre outros. Não admira que, como ele mesmo dizia: “Entre os meus livros de chinês, o mais popular e de maior influência para os letrados é *Jiren Shipian*, recém publicado” (RICCI 2018: 294).

Relativamente ao Cristianismo importa referir a redação de *Tianzhu Jiaoyao* (*Sumário das Doutrinas Cristãs*), em 1605. Na carta ao Padre L. Maselli, Ricci referiu o livro da seguinte forma: “Este ano, fizemos outra coisa muito importante, isto é, traduzimos de novo a Escriptura de Senhor do Céu, Crença, Dez Mandamentos e outros documentos da Cristianismo” (RICCI 2018: 222). Diferente dos outros livros religiosos referidos, este não se apresenta em estilo de diálogo, mas de narrativa. Na opinião de Ricci, “as palavras escritas podiam não apenas esclarecer as coisas, mas também facilitar a compreensão, fazendo com que todos os conteúdos tenham a mesma forma para que os trabalhos possam desenvolver-se de maneira ordenada” (RICCI 2018: 222). O que o arrazoado de Ricci pretendia transmitir é que era necessário um manual-padrão sobre as doutrinas cristãs, para uniformizar os princípios cristãos a serem divulgados, nomeadamente os termos e as interpretações das doutrinas cristãs, daí que tenha ordenado que, para esses propósitos, este *Sumário* fosse o único a usar na China.

O *Sumário* tem 12 capítulos, compreendendo princípios e determinações sobre o Senhor do Céu, Santa Maria, Santa Cruz, Jesus, Missa, Dez Mandamentos, Sete Pecados, Confissão, entre outros. De acordo com o autor, o livro era útil tanto para os cristãos, como para os pagãos: “oferecemos muitas vezes o livro aos que esperamos vir a batizar” (RICCI 2018: 230).

Xiqin Quyi (*Letras para a música do clavicórdio ocidental*) é outro dos livros de Ricci, com caráter religioso. Contém as letras que Ricci compôs para acompanhar a música tocada no clavicórdio europeu oferecido ao imperador Wanli no vigésimo oitavo ano do seu governo (RICCI in ZHU 2001: 241-254). O

clavicórdio era um tipo de instrumento musical popular na Europa de então, sobretudo usado para música religiosa, nas igrejas. Dado que o imperador ficou interessado em ouvir, Ricci redigiu as letras de oito canções, publicadas em 1608 com o apoio de Li Zhizao, grande amigo de Ricci. A Separata destas canções foi a primeira coletânea de letras de canções ocidentais de que há registo (TAO 2001: 19).

Em seguida, Ricci pediu a Diego de Pantoja (1571-1618) para ensinar os eunucos, músicos da Corte imperial, a tocar para o imperador as canções com este instrumento europeu (ZHU 2001: 239). Graças à apreciação do imperador, essas canções também se tornaram populares na alta sociedade chinesa, sendo procuradas e copiadas constantemente por nobres e mandarins. Assim, mais uma vez, Ricci ganhou fama e respeito, tanto do imperador como dos letrados e mandarins chineses.

As letras destas oito canções versavam sobre temas religiosos, baseando-se no Antigo Testamento. Obviamente que o objetivo de Ricci era não apenas apresentar o instrumento musical europeu, mas principalmente difundir, junto do imperador, cultura cristã. Logo na primeira canção, Ricci apresentava a ideia de que “Deus é o criador de todas as coisas” (RICCI in ZHU 2001: 241). De seguida, transmitia a ideia de que os desejos não tinham fim, alertando para que não se devia ter desejos indevidos. Salientava que a verdadeira felicidade não consistia na longevidade, mas na boa moral. Esta, dizia, era infinita, pois não só agradava às pessoas, como aos deuses. Acrescentava que o tempo passava depressa, como a água no rio, pelo que não se devia desperdiçá-lo sem fazer nada, mas ao invés gastá-lo a cultivar a virtude. A este respeito, Ricci manifestava pena por não ter conseguido êxito na sua missão, embora se mostrasse firme em dedicar a vida à missão. No fim, manifestava a ideia de que todos eram iguais perante Deus (RICCI in ZHU 2001: 241-244).

O objetivo da produção das canções de conteúdo religioso era evidente. Constituíam uma das estratégias missionárias, visando influenciar o imperador e mandarins letrados chineses a abrirem caminho para a empresa evangélica católica em Pequim. Ainda que os efeitos, no campo religioso, pudessem ter sido limitados, a ação teve enormes repercussões culturais, pois ao oferecer o instrumento musical ao imperador Wanli, Ricci deu a conhecer junto da sociedade chinesa, pela primeira vez, a música ocidental, abrindo o horizonte dos chineses em relação à cultura musical europeia.

Ricci também fez um mapa, o *Shanghai Yudi Quantu* (Mapa Mundi). Foi concebido em 1584. De acordo com o relato de Ricci, na parede da igreja de Zhaoqing estava um mapa-mundi em língua europeia. O objeto suscitou admiração nos letrados chineses, que manifestaram interesse na sua tradução para

o idioma chinês. A pedido do seu amigo Wang Pan, governador do distrito de Zhaoqing, Ricci traduziu-o para chinês. Como forma de agradar aos chineses, Ricci colocou a China no centro do mapa. Ainda que isso correspondesse ao conceito geográfico dos chineses (RICCI & TRIGAULT 1983: 179-181), o mapa-mundi fê-los perceber que a China era apenas uma pequena parte do mundo e que havia muitos outros povos fora da China. A difusão foi imediata. Wang Pan mandou imprimir muitas cópias deste mapa para oferecer aos amigos. Não se exagerará se se disser que este mapa foi a primeira janela para os chineses conhecerem o mundo.

O mapa tinha alguns erros e o próprio Ricci o reconheceu. Daí que muitas vezes o tenha melhorado. *Kunyu Wanguo Tu* (Mapa Geográfico Completo com Todos os Reinos do Mundo) foi o último mapa-mundi que fez, por volta de 1601, para oferecer ao imperador Wanli. Nesta versão, Ricci divide o mundo em cinco continentes (RICCI in ZHU 2001: 174): Europa, África, Ásia, América do Norte e do Sul, Magallanica². Refere muitos reinos, mares e rios, de que os chineses nunca tinham ouvido falar. Apresenta, ainda, conhecimentos da geografia, tais como o meridiano, paralelo de latitude, equador, planetas, corpos celestes, etc. O mapa foi na altura muito apreciado pelos letrados, vindo a ser reimpresso doze vezes.

Para responder ao desejo e à curiosidade dos letrados chineses sobre as ciências avançadas europeias, Ricci tinha traduzido vários livros ocidentais para chinês, aliás, com a colaboração dos intelectuais chineses, no sentido de ganhar a amizade dos mandarins letrados e esperar ser eventualmente aceite pelo imperador chinês. Isso também faz parte da sua estratégia de adaptação cultural, para que os letrados pudessem apoiar as suas atividades de pregação da religião cristã: “Pello que me passasse que ate que senão traduzam as Santas escrituras e muitos outros livros de ciência de Europa, os letrados deste Reino difficultozamente crerão os ministérios da fé” (FURTADO 1624: 500v).

A tradução de livros científicos europeus foi sugerida por Xu Guanqi, que desejava muito aproveitar as ciências e tecnologias para mudar o atraso da China, como relata Ricci:

O Doutor Paulo tem a ideia de que, uma vez que se imprimiram livros sobre a fé e virtude, agora devem imprimir-se alguns livros acerca das ciências europeias, cujo conteúdo é o original e tem provas, fazendo com que as pessoas possam fazer mais estudos (RICCI & TRIGAULT 1983: 516-517).

² Termo criado por Ricci, que significa “o reino de Magalhães”, um continente imaginário no mapa da Europa durante os séculos XV a XVIII. Referia-se à Antártica.

Os primeiros livros traduzidos foram *Jihe Yuanben* (*Elementos de Euclides*), obra que Matteo Ricci pensava ser um objetivo prioritário para a Companhia de Jesus no Oriente. Considerando que a lógica implícita na Geometria Euclideana era uma base imprescindível para a compreensão das propostas religiosas, avançou para a tradução, que começou em 1606 e terminou em 1607, sendo-lhe dada o nome de *Jihe Yuanben*, que se pode traduzir por *Elementos de Quantidade*. Para que a tradução fosse a melhor possível, os dois estudiosos “examinam repetidamente os textos para selecionar as melhores palavras para a tradução, e fizeram a revisão várias vezes” (LIANG 1981: 81-82). Com a dedicação e diligência dos dois, “dentro de um ano, publicaram os primeiros seis volumes dos Elementos, no estilo claro e gracioso chinês” (RICCI & TRIGAULT 1983: 517).

Jihe Yuanben tem, no total, 13 volumes. É pena que fossem traduzidos apenas os primeiros seis. A publicação da versão chinesa dos *Elementos* é uma obra fundamental de geometria, dando a conhecer aos letrados chineses um sistema de matemática diferente do método tradicional chinês, cujos termos geométricos introduzidos são utilizados até aos nossos dias. Pode-se dizer que esta obra estabelece a importância de Xu Guangqi na história da matemática chinesa, tal como notado por Wang:

Devido à seriedade científica e à erudição matemática de Xu Guangqi, a tradução obteve grande êxito, caracterizando-se não apenas pela fluência do texto, mas também pela criação de uma série de termos (...) tais como dian (ponto), mian (face), xian (linha), sibianxing (quadrilátero), pingxingxian (linhas paralelas), etc., muito apropriados, que têm sido utilizados até hoje (WANG 2009: 64).

Logo depois da tradução de *Jihe Yuanben*, em 1607, Ricci e Xu Guangqi traduziram um outro livro da mesma ciência intitulado *Celiang Fayi* (*Princípios de Medição*). É uma obra que trata de métodos de medição, instrumentos de medição, entre outros, em que Ricci introduziu, além de outros, os conceitos de diagonal, linha ponteada, linhas paralelas e ângulo reto.

Li Zhizao, o doutor Leão, foi o mandarim com quem Ricci manteve mais contacto durante a sua vivência em Pequim. Ricci apresentou-lhe os conhecimentos de matemática, astronomia, lógica, e muitos mais. Os dois traduziram juntos *Tong Wen Suan Zhi* (*Tratado sobre a Aritmética*) baseado no *Sumário de Aritmética Prática* do conhecido matemático Christophoro Clavius; *Qiankun Tiyi* (*Estrutura e Significados do Céu e da Terra*), com 3 volumes, onde se apresentava o sistema de coordenadas eclípticas, a precisa definição do crepúsculo,

o tamanho e a distância do Sol, da Lua e das cinco constelações, e o princípio para definir a longitude do eclipse lunar; *Huanrong Jiaoyi*, uma obra de geometria que trata da relação e comparação de figuras geométricas, cujos ângulos e linhas seriam numerosos; *Hungai Tongxian Tushuo*, uma obra de astronomia, que Ricci traduz oralmente e Li Zhizao passa para a escrita. É a tradução da parte do livro *Astrolabio* do professor de Ricci Christophoro Clavius, com dois volumes, que apresenta os instrumentos astronômicos e o seu uso.

3. Aceitação e influência das obras em chinês de Ricci, na China

Durante quase trinta anos de vida na China, Ricci dedicara-se a estudar livros chineses, tal como comenta Li Zhe, “Ricci vivia em Zhaoqing mais de vinte anos, não havia livros do nosso país que não estudasse” (TANG 2017: 394). Na opinião de Ricci, “aprender chinês, vestir traje chinês, estudar livros confucionistas, ganhar o crédito dos chineses recorrendo ao confucionismo, é que se pode desenvolver o catolicismo” (LIU 1988: 661). As obras produzidas em chinês por Ricci serviam, portanto, para divulgar as doutrinas cristãs ou teorias científicas, nas quais se citavam muitas frases dos livros confucianos, para explicar as doutrinas cristãs, no sentido de mostrar que “a fé em Cristo não nega ou suprime nenhuma verdade presente na doutrina de Confúcio, pelo contrário, apenas a reforça” (REGO 2012: 145). Assim, os livros poderiam ser aceites pelos letrados chineses com facilidade, influenciando-os. Daí se pode ver que Ricci tentava encontrar a ligação e pontos semelhantes entre os livros clássicos chineses e o catolicismo. Pode-se dizer, por isso, que um dos grandes contributos da missão de Ricci foi estabelecer a interação entre o catolicismo e o confucionismo. Os livros do jesuíta caracterizavam-se por conter elementos transculturais, que promoviam o encontro e interação entre as culturas chinesa e ocidental. Os diálogos em *Tianzhu Shiyiu* e *Jiren Shipian* eram precisamente o modelo exemplar das interações diretas entre os académicos das duas culturas.

Ao compor livros, escolheu o estilo popular da escrita dos letrados chineses, com um conteúdo atraente, fazendo com que estes gostassem de os ler. Não traduziu literalmente todas as obras, mas só as partes que entendia poderem adaptar-se à sociedade chinesa e simultaneamente servir a evangelização: “visto que queria adaptar completamente os costumes chineses, alterei as palavras originais e significado dos nossos filósofos quando foi necessário” (RICCI 2018: 212). Assim se percebe que escrever livros e fazer traduções também fazia parte da estratégia de adaptação cultural de Ricci, que servia o propósito

final de evangelizar. Por isso, a sua escrita não é obra improvisada, mas de ponderação minuciosa. Os conhecimentos aí colocados não eram novos, mas extraídos dos livros que entendia úteis para a missão na China, “solum intepo-nimus iudicium in seligendo” (RICCI 2018: 267-268).

Além de fazer uma seleção minuciosa sobre o que ia abordar, apresenta também os seus sólidos conhecimentos, tanto de língua como de cultura sínica, tendo em consideração, sobretudo, alcançar a sua estratégia de acomodação cultural. No *Tratado de Amizade* tratou abundantemente da amizade ocidental e da sua importância, afirmando simultaneamente que ela também era valorizada na cultura tradicional chinesa, pois Confúcio tinha dito nos *Analectos* que era uma coisa alegre. Referiu no livro, várias vezes, os Cinco Elementos do Confucionismo, isto é, cinco virtudes: benevolência, responsabilidade, cortesia, sabedoria e crédito. Isso ajuda a explicar a sua aceitação e apreciação, provocando enorme impacto no meio académico chinês, que procurou ter um exemplar.

Os letrados chineses ficavam admirados pela competência, quer da língua quer da cultura, que este padre europeu evidenciava. Como o próprio disse, a popularidade que conseguiu entre as elites intelectuais chinesas explica-se pelo seguinte: “sou um estrangeiro, que eles nunca viram no passado, além disso, conheço a língua, os saberes e os costumes sínicos” (RICCI 1986: 188). Além de muito procurado pelos letrados, o livro também foi muitas vezes reimpresso, sendo esta obra, na opinião de Zhu, a de maior influência entre todas as que Ricci produziu, quer em relação ao número de reimpressões, quer no que respeita à frequência com que foi citada por outros (ZHU 2001: 106). No século XX ainda este livro era publicado em fascículos no *Diário de Shenzhou*, em Xangai.

Ricci tratou os amigos da maneira com que defendia que deviam ser tratados no seu *Tratado de Amizade*. Por exemplo, quando o seu amigo Feng Yingjing foi preso, e ficou três anos na prisão, Ricci foi visitá-lo várias vezes, como escrevera no *Tratado*: “O verdadeiro amigo é quem vem sem ser convidado quando o seu amigo se encontra uma situação difícil” (RICCI in ZHU 2001: 112). Feng Yingjing ficou tão comovido e maravilhado com o conhecimento e virtudes de Ricci, que foi batizado por ele, depois de sair da prisão. Fazer amigos era também, como se percebe, o processo para atingir os fins da sua atividade missionária.

Certamente que Ricci não imaginava que o seu primeiro livro em chinês viesse a atingir tamanha popularidade e influência. O livro, impresso em chinês no ano de 1595, na cidade de Nanchang, com o título *Jiaoyou lun*, teve várias edições e foi incluído na grande enciclopédia chinesa *Gujin tushu jicheng* em

1726 (RODRIGUES 2010: 638). Pode considerar-se um elemento primordial do encontro inicial da doutrina cristã e o pensamento confucionista, além de ter servido também como uma ponte de comunicação entre a cultura sínica e ocidental, já que, vários letrados, ou escreveram um prefácio para o livro, ou deram-lhe uma dedicatória. Além disso, mais tarde, foi incluído na coleção de livros de alguns letrados.

O livro foi feito para o príncipe de Jian'an, com o qual Ricci estabeleceu amizade. A amizade deste e de outras pessoas importantes, ampliara a sua influência na China, ajudando-o na sua missão evangélica no império chinês. Além disso, com o sucesso de *Tratado de Amizade*, Ricci atraiu credibilidade e confiança, podendo levar adiante a sua estratégia de acomodação cultural através da produção de livros adaptados. De facto, redigiu sucessivamente mais de dez livros em chinês, tais como *Verdadeira Noção do Senhor do Céu*, *Vinte e Cinco Sentenças*, *Dez Capítulos de Pessoas Estranhas*, entre outros.

Sem dúvida, nos seus livros, Ricci procurou a ligação entre o Catolicismo e o confucionismo. Desde logo, ao falar do Senhor do Céu, dizendo que “o nosso Senhor do Céu é mesmo Deus na China”, “o nosso Senhor do Céu é Deus nos clássicos chineses” (RICCI in ZHU 2001: 21). Dizia aliás que Deus era o Céu que os chineses referiam, que tinha inspirado Confúcio, Mêncio e muitos antigos soberanos, sublinhando que não se destinavam a negar as suas escrituras clássicas, mas tão só complementá-las. Sabemos, no entanto, que mesmo que na China antiga existisse o termo “deus”, este não foi o criador de todas as coisas como o Senhor do Céu no conceito cristão. Também no conceito de “Ren”, isto é, “benevolência”, Ricci tentou uma aproximação, afirmando que tanto o Cristianismo como o confucionismo a valorizavam. Porém, para Ricci, “Ren” significava “amar a Deus”, enquanto que no confucionismo o conceito era muito mais abrangente. Note-se que o termo surgiu, pela primeira vez, em *Shangshu (Livro de História)*, que significava “a virtude da humanidade”. Confúcio considerava “Ren” como uma virtude suprema do confucionismo, cuja ideia principal era amar, respeitar e ajudar os outros. Mêncio desenvolveria mais tarde esse pensamento, apresentando a doutrina de “Renzheng”, ou seja, de “governo benevolente”, focando-se na instrução e melhoria da vida do povo. De qualquer forma, não tinha relação com Deus, servindo para as relações pessoais e governação do país. Daí que o historiador chinês Zhu Weizheng tenha dito que Ricci, a primeira pessoa que fez a ligação entre a cultura chinesa e a europeia, conseguiu sucessos sem precedentes, porém com pouco êxito para a sua missão de evangelização na China (ZHU 2001: 29). Trata-se de uma asserção reforçada por Song Liming, o qual, ao reconhecer os grandes contributos do jesuíta na divulgação das ciências e culturas, considera-o “grande letrado”, mas

“pequeno sacerdote”, isto é, incontornável figura das letras, mas missionário medíocre (SONG 2011: 194).

Os livros para aprendizagem de chinês também provocaram enorme influência no meio académico chinês, sobretudo *Xiguo Jifa*, que trata da arte mnemotécnica, exercendo grande atração entre os letrados, que estudavam os clássicos para os exames imperiais: “A minha fama logo começou a espalhar-se tão rapidamente entre os letrados que nem se poderia contar quantos estudantes e pessoas importantes que vieram para pedir-me ser o seu mestre” (RICCI 2018: 133).

Como já notado anteriormente, o livro trouxe a Ricci a amizade e estima do círculo académico, sobretudo do governador de Jiangxi Lu Huigai, que o considerava perito na arte mnemotécnica. As pessoas ficavam tão admiradas pela arte de memória de Ricci, que levavam presentes para convidar o padre para ser seu mestre (RICCI 1986: 163). Numa carta de 1595, Ricci dizia ao Superior da Companhia de Jesus, Claudio Acquaviva, que muitas pessoas estavam interessadas na arte de memória, pelo que tinha escrito um livrinho como um presente ao governador Lu (RICCI 1986: 231).

Com a sua produção literária, Ricci obteve a apreciação dos letrados e a graça do imperador. As canções que compôs também foram um triunfo, merecendo rasgados elogios pela elite chinesa. Delas, várias cópias se espalharam por toda a parte (SPENCE 2007: 266). Tal foi o prestígio que o padre italiano granjeou na corte imperial, que foi “o primeiro estrangeiro a ser homenageado com o grau de mandarim e a presidência do Tribunal das Matemáticas, gozando até à sua morte da intimidade do Imperador” (Gomes 1957: 409).

Ao falar da influência dos livros de Ricci nos chineses, não se deve deixar de referir Xu Qiangqi, o famoso doutor Paulo, que se converteu logo ao catolicismo, após ler *Tianzhu Shiyi*. Foi um dos grandes amigos de Ricci. Em 1600, quando Xu passou por Nanquim, em viagem de Xangai a Pequim, para realização dos exames imperiais, visitou Ricci. A admiração que a erudição do jesuíta lhe causou, levou-o a chamar-lhe o “homem de todos os saberes do mundo”. Começava uma amizade transnacional e transcultural de longo prazo. Ricci falava-lhe dos princípios católicos. A título de exemplo, no diálogo quatro de *Jiren Shipian*, “preparar-se para morrer pode obter muitas vantagens”, o sacerdote explicava a Xu Guangqi que havia cinco vantagens em se pensar sempre no destino após a morte (RICCI in ZHU 2001: 455). Dizia-lhe que não se podia pedir propriamente a morte nem a vida, pois ambas “dependem do Senhor Deus, pois é o criador de toda a criatura”. Xu Guangqi compreendeu e considerou honestas tais palavras, exclamando que “ficava a saber como se preparar para a morte” (RICCI in ZHU 2001: 459). De facto, quando a mor-

te se aproximou de si, Guangqi manteve-se calmo, como relatou João Froes: “vendo os padres que lhe carregava a doença, o avizaram para o que Deos dele ordenasse; receboo elle o aviso com muita paz, e quietação da sua alma (...)” (FROES 1633: 67).

A matemática foi outro dos recursos que Ricci instrumentalizou para se fazer notar: “o livro de que os chineses gostam mais é Jihe Yuanben (Os Elementos) de Euclides” (RICCI & TRIGAULT 1983: 517). Daí que, quando Xu Guangqi lhe pediu para traduzir obras europeias, Ricci pensou em *Jihe Yuanben*, não apenas por considerar que os chineses conferiam muita importância à matemática, mas também porque apesar dos seus êxitos em álgebra, tinha notado que eram fracos em geometria.

A tradução foi bem feita, recebendo comentários favoráveis, como se lê em Liang Qichao: “Todos os caracteres são refinados como ouro fino e jade belo, dignos de serem trabalhos imortais que já não precisa de mais louvor meu” (LIANG 1985: 9). O trabalho de Ricci terá superado as expectativas, tanto que lhe valeu uma terra para sepultura após a sua morte, como comentou o então primeiro conselheiro do Gabinete Ye Xianggao (1559-1627): “Vocês conhecem alguém vindo de longe cuja virtude e saber melhor que Ricci? Não se precisa de mencionar outras coisas, basta lhe oferecer uma terra para sepultura com a sua tradução de Jihe Yuben” (ALENI in STANDAERT & DUDINK 2002: 221). O impacto da tradução irradiou para o meio acadêmico chinês, que valorizou o método de construção dedutiva e lógica, em falta nas obras chinesas, que se focavam mais no método tradicional de indução. A tradução desta obra representou assim a introdução na China do método do pensamento lógico e dedutivo, como sustentou Wang:

A versão chinesa dos *Elementos* foi a primeira obra científica traduzida de forma sistemática na História da Ciência Chinesa, e nenhum dos grandes matemáticos posteriores da dinastia Qing, como Mei Wending e Li Shanlan, deixou de ser influenciado pela obra (WANG 2009: 63).

O próprio Xu Guangqi, por ter colaborado com Ricci, também enriqueceu os seus conhecimentos de matemática e astronomia (RUAN 1991: 407).

Nem sempre, contudo, o impacto do seu labor foi o esperado. Ricci também recebeu críticas a alguns dos seus livros, como por exemplo o *Tainzhu Shiyi*, que causou grande insatisfação na sociedade chinesa, por criticar abertamente o budismo, o culto de ídolos e outras seitas, como o próprio dizia em carta enviada ao padre Fabio de Fabii, em 1605: “O livro *Tianzhu Shiyi* recém-publicado provocou grande rancor dos praticantes de idolatria visto que o livro

critica explicitamente as suas seitas” (RICCI 2018: 227). Soube, no entanto, lidar com essas situações, tendo uma atitude corretiva, procurando não provocar conflitos com os chineses.

Episódios como o descrito, foram pontuais. De modo geral as obras de Ricci foram bem aceites pelos letrados. Como afirmava na obra *Della entrata della Compagnia di Giesù e Christianità nella Cina*, tinha vivido quase trinta anos na China e visitado a maioria das províncias mais importantes, além de que tinha relações amistosas com os nobres, altas autoridades e académicos mais célebres do país (RICCI & TRIGAULT 1983: 3). De facto, com os livros que produzira, Ricci era tido mais como “confucionista ocidental” do que sacerdote católico, sendo altamente reconhecido pelos letrados chineses. É certo que a posição dos intelectuais chineses não era unânime, mas não há dúvidas de que os escritos e a personalidade de Ricci conquistaram a simpatia do chamado partido Tunglin (ou Donglin), uma organização política e cultural informal, mas poderosa no período Ming (REGO 2012: 99).

Os letrados chineses apreciavam tanto os livros de Ricci que escreviam prefácios, dedicatórias ou pós-escritos para as suas obras, como fez o Feng Yingjing, que redigiu prefácio para vários livros de Ricci, tais como o *Tratado de Amizade, Verdadeira Noção do Senhor do Céu, Vinte e Cinco Sentenças*, patrocinando ainda a sua publicação. De acordo com o estudioso chinês Lin Jinshui, há registo de mais de 130 mandarins e pessoas de todas as camadas sociais, com quem Matteo Ricci mantinha contactos, entre os quais, nobres, mandarins de todos os níveis, personagens locais célebres, letrados, sacerdotes, mercadores e muitas outras pessoas (LIN 1985: 117-143). Com elas tinha longas conversas e discutia ideologia, filosofia, ciências e, sobretudo, o catecismo cristão, procurando nelas apoio para a sua missão evangélica na China. Ricci é lembrado até hoje como uma grande figura versada na cultura chinesa.

Conclusão

Durante a permanência de 28 anos na China, Ricci mostrou dominar a língua chinesa. Estudou profundamente os clássicos chineses e redigiu livros em chinês, além de ter traduzido obras clássicas ocidentais em parceria com os letrados chineses. Seguiu uma política de acomodação cultural e missionação académica. Isso mesmo atesta o considerável número de livros que produziu em chinês. Neles falava-se de paz, virtude e obediência ao monarca, não de guerra e rebelião (RICCI 2018: 267). Além disso, explicava os ensinamentos católicos com citações das obras confucianas. Em boa parte a isso se deve o

sucesso de Ricci, o ter apresentado a religião cristã como uma doutrina harmônica e complementar ao Confucionismo, ao mesmo tempo que procurava eliminar as influências do Taoísmo e do Budismo.

Com os objetos exóticos apresentados, o talento na aprendizagem e na arte da memória, os conhecimentos científicos evidenciados e cultivo da boa moral, Ricci conseguiu amizade de muitos letrados e altos mandarins, sobretudo depois de ganhar o favor do imperador. Era-lhe permitido entrar e sair do palácio imperial, tendo inclusivamente conseguido comprar uma casa em Pequim, em 1605, uma base importante para a missão na capital.

Por outro lado, com a chegada de Ricci e as suas produções literárias, os letrados da China Ming puderam, pela primeira vez, apreciar as pinturas a óleo do Ocidente, conheceram objetos nunca antes vistos, escutaram músicas europeias e aprenderam ciências e técnicas do Ocidente. Tudo isso ampliou enormemente a visão do povo chinês, tal como refere Zhu Weizheng, que organizou as obras e traduções, em chinês, de Ricci: “Matteo Ricci não foi o primeiro jesuíta missionário europeu que entrou na China continental, mas foi a figura de mais influência histórica entre os primeiros jesuítas na China” (ZHU 2001: 1). As suas obras e traduções de chinês promoveram o intercâmbio cultural e fusão dos dois pensamentos, da China e do Ocidente, tendo-nos deixado ricos e valiosos documentos na perspetiva histórica, linguística, religiosa, ideológica e diplomática. Além disso, os seus trabalhos em chinês constituem materiais preciosos para o estudo da história do intercâmbio da ciência e da tecnologia sino-ocidentais, da evolução do estrangeirismo chinês, e do intercâmbio da cultura e filosofia sino-europeias.

Fontes e Bibliografia

Fontes manuscritas

FROES, João. Ânuo de 1633, BAJA, 49-V-11, fl. 67.

FURTADO, Francisco. Ânuo de 1624, BAJA, 49-V-7, fl. 500v.

Fontes impressas

CORRADINI, Piero & D'ARELLI, Francesco (2001). *Ricci Matteo, lettere (1580-1609)*. Macerata: Quodibet.

D'ELIA (1942-1949). *Storia dell' introduzione del Cristianesimo in Cina, in Fonti*

- Ricciane: documenti originali concernenti Matteo Ricci e la storia delle prime relazioni tra l'Europa e la Cina (1579-1615)*. Roma: La Libreria Stato.
- GOUVEIA, António de (1995). *Asia Extrema, 1ª Parte, Livros II a VI*. Lisboa: Fundação Oriente.
- RICCI, Matteo & TRIGAULT, Nicolas (1983). He Gaoji, Wang Zunzhong, Li Shen (tra.). *Della entrata della Compagnia di Giesù e Christianità nella Cina*. Pequim: Companhia de Livros.
- RICCI, Matteo (1986). Luo Yu (tra.). *Complete Works of Fr. Matteo Ricci, S.J., Vol. 3, Letter (I)*. Taipei: Editora de Guangqi.
- RICCI, Matteo (2018). Wen Zheng (tra.). *Le Lettere dalla Cina*. Pequim: Editora Comercial.
- STANDAERT, Nicolas & DUDINK, Ad. (ed.) (2002). *Chinese Christian texts from the Roman Archives of the Society of Jesus*. Taipei: Taipei Ricci Institute.
- ZHU Weizheng (ed.) (2001). *Li Madou Zhongwen Zhuyi Ji (Coleção de Obras e Traduções em Chinês de Matteo Ricci)*. Xangai: Editora da Universidade de Fudan.

Estudos

- CRIVELLER, G. (2010). “The Background of Matteo Ricci: The Shaping of his Intellectual and Scientific Endowment”, in S.J. A. K. Wardega (dir.), *Portrait of a Jesuit: Matteo Ricci. Macau*. Macau: Ricci Institute, 15-38.
- CRONIN, F., S.J. (1948). “Fr. Ricci and His Work in China”. *Instituto Português de Hong Kong*, n.º 1, 95-105.
- DAI Guoqing, LIN Jinshui (2020). “O estudo de Matteo Ricci desde a Reforma e Abertura ao Exterior (1978-2018)”. *Sinologia Internacional*, n.º 3, 194.
- DUNNE, George H. (1962). *Generation of Giants: The Story of the Jesuits in China in the Last Decades of the Ming Dynasty*. Notre Dame, Ind.: University of Notre Dame Press.
- ELMAN, Benjamin (2007). “New Directions in the History of Modern Science in China: Global Science and Comparative History”. *Isis*, 98-3, 517-523.
- GERNET, Jacques (1991). Geng Sheng (tra.). *China e Cristianismo*. Xangai: Editora de Livros Clássicos de Xangai.
- FERRERO, Michele (2019). “Motivation to Act in Confucianism and Christianity: In Matteo Ricci’s The True Meaning of the Lord of Heaven (Tianzhu Shiyi 天主實義)”, in *Frontiers of philosophy in China*, 2, 226-247.
- FONTANA, Michela (2011). *Matteo Ricci: un gesuita ala corte dei Ming*. Milão: Mondadori.

- GOMES, A.L.G. (1957). *Esboço da História de Macau (1511-1849)*. Macau: Repartição Provincial dos Serviços de Economia e Estatística Geral.
- HENRI, Bernard (1937). *Le Père Mathieu Ricci et la Société Chinoise de Son Temps (1552-1610)*. Tientsin: Hautes études.
- HSLA, Ronnie Po-chia (2012). *Matteo Ricci, Jesuíta na Cidade Proibida*. Xiang Hongyan & Li Chunyuan (tra.). Xangai: Editora dos Clássicos de Xangai.
- HOSNE, Ana Carolina (2013). *The Jesuit missions to China and Peru, 1570-1610: expectations and appraisals of expansionism*. Abingdon, Oxon England; New York: Routledge.
- LIANG, Jiamian (1981). *Xu Guangqi Nianpu*. Xangai: Editora das Obras Clássicas de Xangai.
- LIANG, Qichao (1985). *Zhongguo Jin Sanbainian Xueshushi*. Pequim: Livraria Chinesa de Pequim.
- LIU, Yizhi (1988). *Zhongguo Wenhushi*. Vol. II. Pequim: Editora de Enciclopédia da China.
- LOUREIRO, Rui Manuel (2009). *Nas partes da China*. Lisboa: Centro Científico e Cultural de Macau.
- MALATESTA, E.J. (1994). “Alessandro Valignano, Fan Li-An (1539-1606): estratégia da Missão Jesuíta na China”. *Revista de Cultura*, 21, 51-66.
- MIGNINI F. (2009). *Matteo Ricci, Il Chiosco Delle Fenici*. Il Lavoro Editoriale.
- MIGNINI F. (2012). Wang Suna (tra.). *Matteo Ricci, Il Chiosco Delle Fenici*. Zhengzhou: Editora Daxiang.
- MUNGELLO, D.E. (1985). *Curious Land: Jesuit Accommodation and the Origins of Sinology*. Honolulu: University of Hawaii Press.
- REGO, Luiz Felipe Urbieto (2012). *A China dos Jesuítas: o Tratado da Amizade de Matteo Ricci e sua contribuição para o diálogo cultural entre Oriente e Ocidente*. Dissertação de Mestrado, Departamento de História da PUC-Rio.
- RODRIGUES, Manuel Augusto (2010). “Recensão a Ricci – Dell’Amicizia”. *Revista de História da Sociedade e da Culura*, 10, 638-642.
- RUAN, Yuan (1991). *Chouren Zhuan*. Pequim: Companhia de Livros de Zhonghua.
- RULE, Paul A. (1986). *K’ung – tzu or Confucius?: the Jesuit Interpretation of Confucianism*. Sydney; Boston: Allen & Unwin.
- SHIWU Tongkao (2002). “Qilu Zhuren e outros”, in *Xuxiu Siku Quanshu*, vol. 18. Livro 1257 da Subsecção Xangai: Editora dos Livros Clássicos de Xangai.
- SONG, Liming (2011). *Shenfu de Xinyi – Limadou zai Zhongguo (1582-1610)*. Nanquim: Editora da Universidade de Nanquim.
- SPALATIN, Christopher A. S. J. (1975). *Matteo Ricci’s Use of Epictetus’ Encheiridion*. Rome: Gregorian University.

- SPENCE, Jonathan D. (1989). *O filho chinês de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SPENCE, Jonathan D. (1995). *Em busca da China Moderna. Quatro séculos de História*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SPENCE, Jonathan (1989). *O filho chinês de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SPENCE, Jonathan D. (2007). Zhang Ke (tra.). *O palacio da memória de Matteo Ricci*. Guangxi: Editora da Universidade Normal de Guangxi.
- STANDAERT, Nicolas (2002). *Methodology in view of contact between cultures: the China case in the 17th century*. Hong Kong: Centre for the Study of Religion and Chinese Society, Chung Chi College, The Chinese University of Hong Kong.
- TANG, Kaijian (2017). *Li Madou Mingqing Zhongwen Wenxian Huishi*. Xangai: Editora de Livros Clássicos de Xangai.
- TAO, Yabing (2001). *Mingqingjian de Zhongxi Yinyue Jiaoliu*. Xangai: Editora Dongfang.
- WANG, Chengyi (2009). *Xu Guangqi Jiashi*. Xangai: Editora da Universidade de Xangai.
- WU Mengxue (2000). *Mingqing Shiqi Ouzhou Ren Yanzhong de Zhongguo (A China aos Olhos dos Europeus nas Dinastias Ming e Qing)*. Pequim: Companhia de Livros de Zhonghua.